

3

Encenação de *Um Olhar*

Entro na sala onde há uma formação retangular de cadeiras em cujo centro alguns atores perambulam misturados aos expectadores com os quais dialogam improvisadamente. Tomo assento e uma atriz de traços orientais inicia uma conversa comigo sobre possibilidades irrealizadas ao longo de uma vida, desejos e projetos que não chegaram a se concretizar e rapidamente se forma um pequeno grupo em torno de nós. Ela me pergunta do que eu me arrependo. A pergunta me pega um tanto desprevenido, uma vez que não sou muito afeito a exposições públicas. Passo a mão pela minha eminente careca, enrolo um pouco os cadarços do tênis, ajeito o paletó e respondo a ela que quando mais jovem poderia ter ido morar na Alemanha com minha irmã então arquiteta na cidade de Hannover. Arrependo-me disso porque hoje poderia falar fluentemente o alemão, língua que não compreendo sequer primariamente.

Um homem maduro, por volta de seus 45 anos de idade me pergunta o que eu faria de novo se pudesse voltar no tempo e recomeçar minha vida. Acho graça na pergunta menos pelo teor da própria pergunta do que pela estranheza que me causa ela ter sido feita a mim, no auge dos meus vinte anos. Penso que devo parecer velha para ser questionada sobre isso. O homem elogia a cor nitidamente artificial dos meus cabelos, o que me faz rir um pouco, sem graça. Em seguida ele repete a pergunta e eu lhe digo que gostaria de ter estudado piano, atividade para a qual já estaria atrasada. Meu primo começou a tocar aos seis anos de idade e neste ponto tenho uma inveja danada dele.

A plateia está cheia. Não há nenhuma cadeira vazia. Que bom. Miwá está conversando com um jovem senhor à minha esquerda. Adriano está encantado com a moça de cabelos descoloridos que cruza e descruza as pernas nervosamente. Acabo de ver um rapaz que estreou no teatro comigo há quase vinte anos. Vou até lá conversar com ele. Pergunto como vai sua vida e ele me responde que está agora estudando literatura. Eu pergunto se ele desistiu de fazer teatro. Ele me responde que não. Que ainda trabalha com isso apesar da

instabilidade da profissão. Eu lhe digo: você já se arrependeu por não ter dito “eu te amo” a alguém que hoje não está mais aqui?

Achei sua pergunta um tanto estranha. Julia não me via há pelo menos quinze anos. Que curioso! Parece que estou em uma sala de visitas... Mergulhado em uma sinfonia vocal. Como aquilo que o que o Vilém Flusser chama de “balbucio”. Sabe o filósofo tcheco? Então, ele. Parece, só. Não é. Porque as vozes se sobrepõem umas às outras, não me permitindo entender direito o que os outros estão falando. Poderiam estar dizendo a mesma coisa de modos diferentes, ou coisas diferentes do mesmo modo, enfim, só consigo escutar os que estão mais próximos. Acho até que a japonesa parada ao meu lado estava conversando sobre isso com o senhor que está a sua frente. Ouço um pouco a conversa deles e mudo de ideia. O papo ali é sobre alemão, acho. Sobre a Bauhaus ou algo assim, não sei se ouvi direito.

Acho que está na hora. Sim, é agora. “Boa noite a todos”, digo aos espectadores desta noite. Todos se calam e olham para mim. Digo que esse espetáculo terá a duração de cerca de três horas e quarenta e cinco minutos. Que todos podem sair e voltar quantas vezes acharem necessário sem precisar se constranger com isso. Apresento a mesa com café, água e alguns tipos de bolachas que fica num canto ao meu lado direito, ao mesmo tempo dentro e fora da cena, já que nosso espaço não é tão bem delimitado assim. Estou no centro da ação, do retângulo de cadeiras dentro do qual se dará a ação. Penso na minha filha que pode nascer a qualquer momento. Preocupações com o “mundo lá fora” que logo se dissipam e volto a viver a realidade da cena a que pertencço. A luz baixa e alguns telões descem do teto em volta de mim. Saio do recinto.

Um acorde soa ao fundo enquanto um rosto amplificado em vários dos telões dispostos pela sala começa a cantar versos adaptados da *Canção de Mim Mesmo*, de Walt Whitman na melodia dos acordes. Eles dizem: “Eu celebro a mim mesmo e tudo o que eu assumo você vai assumir, pois cada átomo que há em mim também pertence a você.” Opa! Essa eu só perdooo porque é o Whitman. Belos versos, mas um tanto pretenciosos para se iniciar uma apresentação teatral: “tudo o que *eu* assumo você *vai* assumir”. Tudo o que *eu* assumo? Quem é *eu*?

Quem é *você*? E por que *eu terei* que assumir tudo o que *você* assume? Que coisa constrangedora.

É com esses versos que o poeta abre *Canção de Mim Mesmo*, primeiro poema do livro *Folhas de Relva*, um convite ao leitor para vadiar com ele, observando o desimportante da natureza: “uma lâmina de grama do verão”, os “quartos [que] se enchem de perfume”, e uma série de sensações de uma poesia que clama aos sentidos. Esse *eu* que celebra a si mesmo propõe comunhão com todos os que estão presentes na plateia e incorporam a si aquilo que veem. Parece que tem alguém me abraçando, me inserindo num coletivo, me convidando a partilhar alguma coisa, me apresentando como semelhante, estou encantada!

Quanta pretensão!

Que sensação gostosa, parece que estou entrando numa viagem, que posso me projetar naquele rosto e vivenciar isto aqui como se eu fosse ele. Tinha um poema assim nesse livro. Aliás, vários. Essa coisa do olhar que incorpora a si tudo o que viu e viveu. Aquele rosto em *close* se multiplicando pela sala, projetado sob diversos ângulos nos vários telões que compõem o espaço. Um gigantesco rosto amplificado cantando os versos adaptados do poeta, sugerindo que todo um cosmo ficcional cabe no imaginário de um só homem. Um sujeito que é constituído por tudo o que seus sentidos puderam apreender. Tudo o que viu, tudo aquilo que ouviu, sentiu, viveu, tornou-se parte de seu imaginário. É como se ele me desse a mão e me levasse com ele.

A moça de cabelos descoloridos, aquela que se lamentou de não ter começado a estudar piano aos seis anos de idade, agora cruza e descruza as pernas num gesto despreziosamente sedutor. Com essa cara de moça ingênua que nem percebe que está sendo observada fica difícil parar de olhar para as suas coxas que não param de se mover. Entro em cena tentando abandonar esses sentimentos mundanos.

“Eu vou te dar seu terceiro presente, mas pra ganhar *cê* vai ter que estar vestido a rigor. Quer?” – pergunto ao homem diante de mim, ao que ele me responde: “É claro que eu quero. Muito embora estar aqui, ter chegado até aqui já tenha sido um presentão.” “*Cê* lembra de tudo que passou?” – pergunto outra vez.

“Muita coisa, né?” – diz o homem. “É, mas a maior parte a gente deixa de dar importância. Só que as coisas desimportantes também fazem parte, não fazem? O que não deu certo, o que não seguiu em frente, o que desviou” – falo para ele, que prossegue dizendo: “Outro dia eu ouvi algo muito interessante a esse respeito: se eu não tivesse passado por tudo o que eu passei, tivesse passado por outras coisas, eu não estaria aqui onde eu estou agora. E eu gosto de estar aqui onde eu estou agora, portanto eu acho que eu fiz certo.” “Muito bom.” – respondo e desapareço.

Esse ator de meia idade é um tanto atraente. Não para de olhar para as minhas pernas encolhidas sob a cadeira. Dá vontade de cruzar e descruzar devagarzinho só para provocar. Ele agora reaparece acompanhado por aquele outro que apresentou a peça. Os dois personagens demonstram intimidade em meio a conversas sobre observações cotidianas e compromissos de trabalho. Um deles diz que precisa tirar férias, o outro comenta que na serra faz muito frio. O ator de meia idade faz o papel de um físico. Ele diz: “Nada toca em nada. Os átomos do dedo não tocam os átomos do interruptor. Poesia atômica. Nada toca em nada. Isso parece frase de para-choque de caminhão: nada toca em nada”.

Entabulamos uma conversa que segue aparentemente à deriva, figurando observações sobre elementos banais do cotidiano permeadas por esquecimentos, lacunas e não-sentidos. Adolfo, meu bom amigo, fala sobre a necessidade de olhar para as pequenas coisas. Olho para ele, que me faz companhia em minha solidão e digo “Você parece meu pai. Me lembra muito meu pai. Seu jeito de rir, de descascar uma laranja... Você sente falta do seu?” Adolfo me responde que sim. Que sente falta e medo. Eu respondo: “Eu lembro que quando papai morreu eu liguei pra você, não foi?” Ele assente com a cabeça e eu continuo: “estava indo ao aeroporto tomar um avião lá pra cidade dele. Chego no aeroporto, tô pra entrar na sala de embarque, você me aparece de surpresa.” “É, tive que correr. Mais dez segundos, eu não te pegava mais lá. Sem exagero, mais dez segundos e você já teria entrado pela porta de embarque e eu já não te encontrava lá.” – me diz meu amigo. “Foi muito bom te ver aquele dia lá, Adolfo.” “O que é isso? Faz parte.” – retruca meu bom amigo. Seguimos uma conversa sobre a mania de fazer listas, de inventariar e acumular. Elencamos pequenas observações sobre detalhes do cotidiano, como se puséssemos uma lente de aumento sobre o que geralmente passa despercebido: o modo como as solas dos sapatos se desgastam revelando as

diferentes maneiras de pisar, o modo como os pneus dos carros ficam carecas. Falamos sobre sincronicidade, sobre o andar de uma moça que desce a rua, sobre o que esconde cada superfície, sobre as infinitas possibilidades por detrás de cada coisa visível. Proponho o que chamaremos de “projeto da invisibilidade”, que consistirá em “listar as situações nas quais as pessoas não estão preocupadas em ser ou parecer nada. Elas simplesmente estão. Sendo. Anônimas. Como elas costumam ser, principalmente quando não estão sendo observadas. Eu tenho notado, especialmente quando eu estou na rua, esses gestos em movimentos que elas fazem tão sem preparo, tão sem cálculo. Como isso pode esconder tanta história, tanto sentimento”.

Agora surge um rapaz que atende pelo nome Caio.

Deixa ver se entendi: até então as cenas apresentam as mesmas personagens, deixando entrever uma intrincada relação pai e filho. Arthur, um físico deprimido em crise de meia idade, projeta em Adolfo, seu melhor amigo, o pai já falecido. Caio, seu filho, já não escuta mais o pai. É mais ou menos isso?

Eu mesma já chorei tantas vezes como esse homem, apoiada numa bancada qualquer. Eu geralmente choro na pia da cozinha. Ele está apoiado na sua mesa chorando agora com o peso do mundo inteiro nas costas. “Teus ombros suportam o mundo”, já dizia Drummond, “e ele não pesa mais que a mão de uma criança”. Ele chora enquanto o interior da cúpula de um prédio antigo é projetado nos telões que agora nos envolvem. Então, aquela mulher de traços orientais desce de dentro da cúpula projetada enquanto emerge em carne e osso, igualzinha, tornando a imagem real contígua à imagem virtual. Traz uma espécie de *picnic* que serve para o ator de meia idade no chão do evento, entre mandalas projetadas em cada telão-janela, como surgida de um sonho, das profundezas de sua imaginação, materializando-se em carne e osso diante dele.

Não há profundidade. Parece que o sonho e a realidade se articulam no mesmo plano: Arthur e a oriental de seus sonhos: o físico e a imagem leve da mulher cheia de alegria, como em *A Rosa púrpura do Cairo*. Sabe aquele filme do Woody Allen no qual o galã se desprende da tela e vem ao encontro de Mia Farrow? Tudo é plano porque tudo é filme. Aqui não. Ela sai do filme e vem para a cena.

Ela se revolta contra o rebaixamento de Plutão. Eu lhe digo: “tudo depende da sua vontade”, ao que ela me responde: “E o que você quer?” Eu digo: “minha vontade é estar aqui agora sentado no chão tomando esse chá com você”. E ela responde do mesmo jeito: “Muito bom”, saindo para pegar uma água sem retornar.

Nenhum outro personagem interage com a figura dessa mulher. É como se ela só existisse na imaginação de Arthur. Ela aparece quando ele sonha.

Não há oposição entre sonho e realidade: tudo é articulado na mesma superfície. Após a saída da mulher e uma mudança na iluminação, surge agora uma jovem de cabelos loiros. É a namorada de Caio, filho malcriado de Arthur, o físico deprimido. Numa conversa banal sobre chicletes, sabedoria da mãe natureza, vocação profissional e decisões que podem mudar o curso das coisas, ela tenta se meter na relação de Caio com o pai.

A garota faz o possível para ajudar na relação dos dois. E no meio de uma conversa sobre a morte, os dois retomam um tema um tanto obsessivo: e se alguém falecido pudesse voltar para corrigir seus erros? Parece ideia fixa essa coisa de interferir no próprio passado, alterando assim seu presente. A garota comenta sobre um filme no qual a mãe morta de uma mulher retorna e conversa com a filha. Depois que o ator de meia idade sai, ela fica sozinha, pega um exemplar do livro de Whitman e lê um pequeno trecho. “Cheguem junto de mim, Cheguem juntos, meus amores, e peguem o que tenho de melhor, Cheguem cada vez mais junto e me deem o que vocês têm de melhor.”

Tento entabular uma conversa com meu filho enquanto lhe faço o nó da gravata: “Caio você acredita que seja possível na vida voltar e recuperar ou corrigir algumas coisas que ficaram pelo caminho”?

Mais uma vez o tema se repete!...

Acuso meu pai de não enxergar o outro. De não *me* enxergar. E digo que talvez tenha dado importância demais para coisas que não têm.

Após a malfadada tentativa de reaproximação ao meu filho, fico sozinho e recebo a visita de Adolfo, que me ampara na solidão e aceita um rápido brinde

enquanto trocamos observações feitas no “projeto da invisibilidade”: uma pessoa que anda de carro e põe a mão para fora, um casal que se despede no meio da rua, um senhor que urina na calçada enquanto lê uma placa, uma senhora que vai para casa no fim da feira, torce o pé e continua andando após verificar que não foi observada, um homem que põe a mão no peito enquanto toma um refrigerante.

Os atores falam muito como o “balbucio”. Aquele conceito do Roland Barthes, o filósofo francês. Sabe esse movimento de ir e vir da fala? Essa coisa que a gente vai repetindo? Sabe assim, essa coisa de repetir acrescentando alguma coisa, num movimento que parece evidenciar a impossibilidade das palavras traduzirem as coisas? Essa coisa que a gente fala e fala e fala de novo, tentando dar conta do que se quer dizer? Percebe? O homem está lá falando sobre a solidão no auge da crise e a fala dele só me interessa na medida em que evidencia o quão difícil é traduzir em palavras uma experiência vivida. Não se traduz em linguagem uma porção de coisas. Por isso acho graça no modo como essas pessoas falam. Elas vão repetindo as ideias rearranjando as palavras em frases novas. Parece que querem dar conta de um sentido que não cabe na fala...

“Estes pensamentos são os de todos os homens de todas as eras e terras, não se originaram comigo...” Whitman. Não sei por que agora me veio á cabeça a frase inteira. Ou melhor, sei o porquê, já que tudo isso aqui parece saído diretamente do universo do poeta!

Narro uma cena da minha infância e comento a competitividade e a correria da vida moderna. Mas sempre que fico só, a mulher de traços orientais vem como uma rajada de vento: fresca, alegre, ágil, injetando vida em minha densa atmosfera. Enquanto reflito sobre minha vida, a mulher me corta: “Às vezes você explica muito”. E eu lhe pergunto: “Eu não sei o que fazer. Você pode me ajudar?” E ela se mete em minha vida, vasculha meus cadernos e não dá a menor atenção para o que eu falo. Descalça os sapatos, dança e se deita na cama sussurrando ao meu ouvido palavras que repito enquanto um novo tema musical cresce lentamente até tomar conta de tudo e nós todos mergulharmos em música. “Vadie na relva comigo. Solte o nó da garganta. Sem palavras, rima, música alguma. Nem bons costumes, nem mesmo os melhores. Só quero a sua calma...” Ela me diz que esse é meu segundo presente. Aquele que ficou faltando lá no

início. E ela deita meu corpo cansado sobre a cama, descalça meus sapatos e me faz relaxar meus ombros cansados...

Os músicos executando o tema que ouvimos emergem da bruma, projetados nos telões por detrás da cena. A moça de cabelos descoloridos parece estar encantada com tudo o que vê. Sorri e se envolve com o espetáculo que até então só fez me entediar. Para ela parece tudo tão simples. Ri e se emociona, reagindo a cada cena como se esta lhe fosse suficiente, como se conseguisse de fato se projetar na ficção.

Eu e Caio, meu namorado, voltamos de uma festa trocando juras de amor. Mais uma vez, falo sobre o tempo que perdemos ao não dizer “eu te amo” a quem amamos, já que não é possível interferir no passado. Agora conversamos sobre os “não-ditos”. Menciono para Caio uma frase de um homem entrevistado por Clarisse Lispector. Ele dizia algo mais ou menos assim: “Eu não só sei como eu conheço e digo o nome: Miriam. Mas amar a Miriam não é mérito nenhum porque nela eu encontro todas as mulheres do mundo. E também porque ela é a minha porta para amar o mundo inteiro”.

Ah, tá! Então tá. Cada sujeito é uma porta para o outro. É isso? Alteridade...

A Julia tenta de novo se meter na relação do namorado com o pai. A personagem é um pouco chata, mas não vou dizer isso á ela.

Gente, eu às vezes me pergunto se realmente estou fazendo bem esse papel.

Cada clichê me atira para dentro daquela trama, mobiliza meus afetos. Eu já me emocionei umas seis vezes desde que começou... Por que aquele homem tem uma cara tão entediada? Parece que está detestando... É outro que não para de olhar para as minhas pernas!

Não sei se é a personagem. Acho que Julia é uma atriz chata mesmo. Ai, gente que horror pensar isso de uma colega. Que horror!...

O que me impede de cochilar é essa atriz loira. Linda, linda e tão natural em cena... Parece que está em casa. Esse papo existencial é que cansa.

A gente produz arquivos todo o tempo. Eu tomo nota das observações cotidianas que tanto me fascinam como um modo de arquivá-las, como se fossem documentos, fotografias gravadas em minha memória. Eu falo delas para não me esquecer. Em uma nova conversa com Adolfo, começo a inventar agora esses arquivos. Não mais uma cena observada, mas uma cena imaginada. “Uma mulher recebe um telegrama inesperado que muda completamente a sua vida. Eu pensei nisso a partir daquela moça que gente viu da janela de casa, aquela que eu te mostrei, com uma sacola de roupas colorida, que a gente viu atravessando a rua”.

Imediatamente soa um telefone e a moça oriental entra correndo para atendê-lo, carregando nas mãos a correspondência do dia. A notícia não parece ser muito boa, porque ela vai descendo para o chão tentando controlar as lágrimas para o suposto interlocutor.

Eu posso ver o vazio em que essa mulher é mergulhada pela vertigem que sente ao ler a carta. É como se ela despencasse de um prédio alto. Como quando a gente tem queda de pressão. Ai, que dor! Nem sei o que estava escrito na carta, mas, ai que dor!

E passamos a criar ficções para as figuras que vemos, dando profundidade às superfícies-arquivo, como a dar movimento e continuidade em três dimensões às fotografias. Como a fazer cinema de fotografias e desenrolar romances por trás das superfícies, criando uma teia que agora se desenvolve. Não mais narramos somente as cenas simples que vemos, mas imaginamos o que escondem, começamos a penetrar pela invenção aquilo que vem por detrás dessas figuras gravadas em nossa memória, inventamos aquilo que está para além do visível: “Algo simples, prosaico, poucas palavras. Que implicações podem ter essas poucas palavras”?

O nome e a data “Joana – anos 80” aparecem escritos num letreiro projetado ao fundo da cena.

Conversamos sobre nossa criação e nos decidindo por localizá-la nos anos oitenta. Enquanto minha personagem recém-criada sai de cena, exponho meus dramas pessoais, falo que sou “confuso por detrás da máscara”, que “não sei quem sou” e que “preciso me achar e me libertar de tanta paixão”, dos fantasmas

gerados por tanto querer. Exponho aquilo que sinto me apropriando de tal maneira das palavras de Whitman que já não sei bem o quanto ele me traduz ou eu o traduzo. Sua poesia já é parte de meu pensamento, povoa meu imaginário e dá forma ao modo como expresso minhas emoções.

Mais um solilóquio em “balbucio”! “Teatro contemporâneo” é tão entediante! Depois de uma longa digressão à la Whitman, ele anuncia uma espécie de mergulho interior, viagem ao passado, algo assim...

“É. A jornada é longa. E sem intervalo. Eu tô achando que eu preciso agora voltar pra recuperara algumas coisas que ficaram pelo caminho.”

E um aquário desce sobre nossas cabeças, projetado em todos os telões que descem do espaço em cujas paredes d’água nadam peixes. Estamos penetrando um passado remoto, terreno da imaginação e da memória. Arthur nos convida a seguir com ele em sua viagem.

Estou voltando à casa da minha infância, mergulhada num mar de memórias que partilho com os que estão aqui presentes. Uma casa cheia de recordações, de lembranças materiais descritas por minhas palavras. Um rapaz abre a porta para mim. Meu nome é Joana. Recebi um telefonema com a notícia da morte da minha mãe e voltei para minha cidade de origem, entrando na casa de onde um dia vim à tona para o mundo. Converso com meus fantasmas, revisitando lembranças como o hábito de minha mãe colar as coisas com fita crepe, ou a mania que meu pai tinha de quebrar tudo e por fogo sempre que tinha raiva de algo... Abro minha mala enquanto digo: “Sabe de uma coisa? Acho que eu estou voltando pra casa”.

Joana se afasta e nos mesmos telões se vê projetado: “Josué ou Canção do Amor Possível 1, anos 40”. Uma nova ficção já se encavala na outra. Um jovem rapaz prepara a rabiola de sua pipa e uma menina fala muito enquanto o rapaz, quieto, trabalha com afinco.

Ela me diz que ainda vai casar comigo, que um amigo de sua mãe lhe deu balinhas que ela come sem parar, canta uma canção em espanhol, pergunta meu endereço e eu lhe respondo sem dar a menor atenção: “Rua Bela Vista, 71”. Então eu lhe digo que vou entrar para o exército e lhe entrego um pedaço de minha

rabiola, que eu ia jogar fora. Ela me diz que nunca me esquecerá e que vai carregar aquela rabiola para sempre.

Um vasto campo é projetado nos telões ampliando o espaço fechado em horizontes a perder de vista. Uma bicicleta velha parada no meio da grama. Um menino concentrado em preparar sua pipa.

Arthur surge ao telefone seguido pela mulher de traços orientais.

Brinco com meu longo vestido como se fosse a capa de um toureiro e danço em leves movimentos em torno desse homem...

Tecidos se movimentam pelos telões...

Faço-lhe uma brincadeira de adivinhação: “O que é que eu sou?”, ao que ele responde: “Você? Você é apenas uma imagem num sonho meu. E eu adoraria que você existisse, mas você não existe”.

Enquanto os telões projetam: “Maria, anos 70”, Adolfo passa também falando ao telefone: “Deixa eu te dizer só mais uma: uma menina. Ela sonha com a mãe e resolve fugir de casa.”.

Entro em casa carregando uma mesa e alguns objetos. Falo ao meu padrasto sobre um homem que passou ali mais cedo e me perguntou sobre minha mãe, que havia conhecido no cinema da praça da cidade. Meu padrasto, homem amargo e ríspido, corta a todo o tempo meus questionamentos sobre o modo como minha mãe morreu. Tenho curiosidade sobre ela e desconheço a causa de seu falecimento. Sonhei com minha mãe e no dia seguinte um homem apareceu perguntando por ela. Fico falando sobre o sonho e sinto sua falta.

O padrasto rude, camponês, homem do povo, é tão cético quanto Arthur, o sofisticado cientista vivido pelo mesmo ator.

Irrompo em cena entoando versos: “fora da cidade ela procura a esmo e eu já não sou mais o mesmo. Essa não é mais a casa por onde eu caminho.” Sou *Eu Mesmo*: uma espécie de “neutro”. Meu rosto em *close* abriu o espetáculo com os versos de Whitman e agora canto para a plateia enquanto surge projetada nos telões dispostos detrás de mim nova indicação: “Maria 2, anos 70”. Caminho entre

os participantes que ora me olham com animação, ora com certa desconfiança. Um jovem casal conversa sobre sua fuga de uma pequena cidade, ele hesita e desiste, ela se revolta e eles brigam. Ela sai sozinha e frustrada. Um fica e a outra vai.

Corro pelos quadrinhos de uma *hq* projetada nos novos telões em realidade vertiginosa cadenciada pela música que sublinha meu desespero como se caíssemos num buraco em baixa pressão, num desmaio. Eu fujo daquela cidade pequena e limitadora, fujo do meu padrasto, da memória de minha mãe, da minha decepção, da mais alta traição de que fui vítima. Fujo de tudo aquilo que não aguento mais. Quero outra opção, outro lugar. Outra realidade.

O piano cadencia a vertigem da menina e os quadrinhos narram sua aventura com todos os recursos oníricos que a arte gráfica permite. O chão se parte sob os pés do casal. Ilusão do desenho contígua à presença dos atores. Elementos justapostos que encadeiam uma narrativa. Homem de carne e osso, figura desenhada na página, palavra no papel... E assim ele vai contando uma estória. Várias estórias.

Eu Mesmo volto cantando a mesma canção enquanto a moça caminha resoluta e magoada até sair de cena.

Um homem entra seguindo uma mulher: Arthur em robe de chambre se senta de frente para o cantor. A mulher de traços orientais brinca com sua camisola enquanto arrasta uma cama para o centro do espaço e o jovem rapaz abre um enorme saco de pano recheado de rosas vermelhas. O violonista até então paralelo é incorporado também à cena, presença silenciosa que emite apenas acordes de violão em diálogo não verbal com as palavras proferidas pelos demais atores. As vozes se dissipam entre bocas e outros dispositivos: Arthur aperta *play* em um gravador que reproduz sua própria voz gravada pedindo para que a mulher fique quieta. O jovem rapaz repete para ele o que ela lhe falou ao ouvido, que ficaria quieta e que atenderia seu segundo pedido. Ela diz ao homem que para falar com ela teria que ser por intermédio de outra pessoa. Então, ele fala com ela com a intermediação do rapaz, sussurrando ao ouvido dele, que repete para o homem em voz alta o que ela lhe sussurrou ao ouvido.

A mulher oriental me diz: “Arthur, você está vendo como ele podia ser legal com você”?

Arthur pede para a moça que está na plateia repetir as coisas que ele diz, já que a oriental lhe fala que só se comunicará com ele intermediada por outra pessoa. Ela faz a mesma coisa comigo, deslocando o foco da ação dos personagens para nós! Agora sou eu que estou falando com a mocinha de cabelos descoloridos ao invés de o ator falar diretamente com a atriz oriental!

Arthur sussurra ao meu ouvido que ela está linda de cabelos soltos. Eu repito para ela o que ele falou e o jovem senhor meio calvo que bufa de cinco em cinco minutos repete para ele em voz alta o que a atriz oriental sussurra ao ouvido dele. O músico continua tocando seu violão do lado de fora, fazendo fundo musical para as personagens.

Então, em diálogo com o violonista, canto uma canção para a amada de meus sonhos e voltamos a nos falar enquanto Caio a desenha numa folha de papel. Minha vida poderia ser diferente.

Desenho na página, notas musicais, gravações em áudio e palavras. Ele lhe pergunta o que realmente importa na vida, ao que ela lhe responde sem hesitar: “Saber amar”. E o rolo de uma gigantesca máquina de escrever surge projetado na tela, girando com as palavras sendo escritas na página. Vemos as páginas brancas paulatinamente se encherem de letras, que enunciam um título: “Josué ou A Canção do Amor Possível 2, anos quarenta”. Um homem folheia uma resma de papel quando uma jovem aparece na sua frente e lhe diz: “Não acredito que você ficou maior do que eu”. Ele não a reconhece e ela lhe diz: “Josué, Rua Bela Vista, 71”. Ela lhe diz que nunca o esqueceu, que guarda até hoje aquela rabiola dada por ele, que sabe que ainda vão se casar e que no próximo encontro levará a tal rabiola. Ele vai fazer uma prova de datilografia. Ela recorda elementos da cena da infância dos dois. Eles conversam, trazendo à tona pequenas intimidades enquanto aquilo que dizem é escrito pela máquina. Ele lhe diz que vai entrar para o exército, contando alguns trotes que passam aos novatos. Conversam enquanto a máquina projetada imprime nas paredes as palavras do diálogo dos dois. O rapaz e a moça carregam plaquinhas com seus nomes presas às suas roupas. Ela mais uma vez afirma que eles vão se casar um dia.

Aqui palavras e coisas coincidem e descoincidem. O diálogo falado possui algumas diferenças do diálogo escrito e na plaquinha dele está escrito Josué, mas na dela, está “A canção do amor possível”. O casal sai conversando em cima da música que preenche o espaço e nos telões um homem e sua sombra descem as escadarias vazias de um prédio antigo cuja cúpula já apareceu anteriormente. Esse homem é Arthur e está a procura de seu pai. Outro homem, aquele que outrora atendia pelo nome de Adolfo, chama pelo filho Arthur, também descendo as mesmas escadas. Ambos estão no mesmo espaço virtual, mas não chegam a se cruzar. Suas figuras se buscam, mas não se encontram. Arthur se descola da tela materializando-se em cena, como luz que se converte em carne narrando um poema de Whitman: “Tinha um menino que saía todo dia”.

Arthur narra o poema para seu pai sentado a descascar laranjas entre reproduções de uma natureza morta figurando a mesma fruta em grande quantidade e proporção, como um quadro que reflete outro quadro e se duplica em outro suporte. A peça é crivada desses jogos de espelhos. O homem descasca as laranjas reais diante das laranjas amplificadas nos telões. Pai e filho conversam. Adolfo e o pai de Arthur são também vividos pelo mesmo ator. O filho consegue materializar o pai de suas memórias e conversar com ele. A ficção permite esses encontros, viabiliza trazer à superfície aquilo que já não é mais possível na vida. Ele diz a seu pai aquilo que nunca lhe disse em vida: “eu te amo, meu pai”. “Eu queria muito fazer alguma coisa pelo senhor, se eu ainda acreditasse em alguma coisa.” Avança até ele e lhe dá um beijo na cabeça. Na arte é possível trazer para a superfície o que agora já é profundidade, materializar memórias reais e inventadas, abraçar fantasmas e levantar os mortos. Embaralhar o que é e o que não é, o que foi e o que poderia ter sido, traduzindo em poesia o que enquanto realidade objetiva da vida cotidiana só seria possível uma única vez.

As laranjas caídas pelo chão: quadro: realidade pintada e realidade em três dimensões. O pai convida o filho a uma dança e os dois fazem um *pas de deux*. As laranjas em *close* rolam por cima dos dois, pai e filho executam a mesma coreografia em um ballet sincronizado. O pai beija a testa do filho e o deixa em sua realidade. Novos telões reproduzem o texto: “Pedro, 1, anos 70”. Enquanto Arthur escreve em sua mesa, uma mulher traz para o centro do espaço outra mesa e uma cadeira.

Uma casa abandonada é exibida em proporções monumentais, ampliando aquele espaço em profundidade. Uma mulher sentada confecciona flores de papel crepom. Um homem chega. Ela lhe oferece um café. Estamos num caminho que leva a lugar nenhum. Uma casa perdida no meio do nada. Gotas gigantescas de chuva monumentalmente ampliadas escorrem por um dos telões. Ela lhe oferece café e biscoitos enquanto amarra folhas de papel crepom: “as pessoas escrevem um desejo num papel, prendem dentro da flor e amarram nas árvores que ficam cheias de pedidos”. Ele toma o café quente.

Sou um escritor que se esqueceu como dizer as coisas. Abandonei meu carro no meio da estrada e segui a esmo sem saber para onde ir até encontrar aquela casa no meio do nada com aquela mulher que não conheço. “Nunca achei que fosse tão difícil começar de novo.” A mulher me fala que houve um tempo em que quis ir embora dali, mas acabou ficando. Eu digo que estou precisando aprender a olhar para as coisas de novo. Sabe? “Renomear as coisas.” A mulher me sugere: “seria bom se as coisas já viessem com etiqueta. Não seria?” Eu lhe digo que mesmo assim eu teria que etiquetar tudo novamente.

O homem diz que precisa reaprender a dar nome às coisas ostentando em sua blusa uma placa com o nome Pedro.

Pergunto ao homem o que ele fazia. Ele me diz que escrevia livros. “Aí não quer mais?” – pergunto – “quando eu era pequena eu li um livro na casa da minha mãe. E eu lembro que eu fiquei presa numa página, não conseguia sair dela.” “Já existia um livro assim” – diz o homem – “um livro que você não saía da página, mas era porque não precisava, não tinha jeito. Mas sempre que você voltava pra essa página”...

“Era outra?” – a moça me interpela. “Era” – eu a respondo. “Mas aí se você quisesse encontrar uma coisa que já tivesse lido, já não podia mais?” – a mulher me pergunta novamente. E eu lhe digo que nem sempre. Que era um livro de areia.

“Conhecia essa estória?” – me pergunta o homem tomando seu café.

”Não.” – me responde a mulher. Enquanto conversamos, o cheiro do café que tomo espalha-se pelo ambiente. Alguém da plateia levanta, toma uns goles de

café e come metade das bolachas dispostas sobre a mesa ao nosso lado. Todos partilham daquela realidade perdida em algum lugar do tempo.

Pelo menos o café não está frio. Porque as bolachas estão murchas. Quanto tempo será que falta para acabar? Minhas costas já estão doloridas de tanto ficar sentado. Dá vontade de sair para dar uma volta.

“Eu nunca sei o que dizer.”

“Não, não precisa dizer nada, não.”

Às vezes um encontro é quase um milagre, né? – me diz a mulher enquanto recolhe as folhas de papel crepom em uma enorme cesta de palha. Depois saímos ambos em direções opostas.

Eles saem para o mesmo lado e o tom azulado da iluminação cede espaço ao âmbar, mais quente e diurno. Entram um homem, um rapaz e a mocinha loira que me motiva tanto. Desisto de sair para dar uma volta.

Julia volta à cena. Adriano também, mas agora ele parece estar vestindo outra pele. Algo entre o físico introspectivo e o rústico padrasto de Julia nas outras sequencias. Não sei mais quem é quem.

“Sabe que eu li em algum lugar que a memória é o espaço aonde as coisas acontecem pela segunda vez?”

“É, faz todo sentido. Mas aí já é bem diferente, né? Não é mais território, é mapa.”

“Mapa?”

“É. A memória não é uma coisa, né? É só uma representação.”

Dizemos isso enquanto etiquetamos tudo o que vemos pela frente, tentando fazer coincidir palavras e coisas. Dialogamos sobre lembrança e esquecimento.

Enquanto narro a estória de um amigo que começou a etiquetar as coisas para não esquecer-las, etiquetamos as coisas de fato, etiquetamo-nos a nós mesmos, conversando sobre representações coerentes e incoerentes, associações

de memória e palavras inventadas. A moça propõe que troquemos os nomes das coisas e diz ao jovem rapaz: “Antes você só podia ser Fábio, mas agora você pode ser o que eu quiser”.

Entra em cena novamente aquele cantor cafona. O que ostenta no peito a plaquinha na qual está escrito “Eu Mesmo”. Folhas caem do céu pelas paredes projetadas em close enquanto o rapaz entoava o refrão “nu de mim, eu de mim, por onde está o que eu sou de mim?” Essa lengalenga existencial não faz o menor sentido. E agora querem transformá-la em musical! Como se não fosse suficientemente cafona acreditar que uma primeira pessoa afirma a si mesmo querendo abarcar a humanidade num arroubo de sujeito romântico, essa pessoa ainda se apresenta na figura de um cantor pop. Então tá!

“Quero ver o que foi dito nos lugares onde eu fui/ memória que eu desacredito/ o que poderá ser reescrito/ fora da cidade ele procura a esmo e eu já não sou mais o mesmo/ fora da cidade ele procura e eu já não sou mais eu mesmo/ na casa dentro de outra casa/ vazio do tempo/ tempo que restou/ essa não é mais a casa onde eu caminho/ por onde estou, onde estive, onde estou/ cheguei onde nada mais restou/ fora da cidade ela procura a esmo e eu já não sou mais o mesmo/ fora da cidade ela procura e eu já não sou mais eu mesmo/ agora não importa mais ser herói nem ter a memória que corrói/ e que sem saber destrói/ hoje penso no meu dia, se ele constrói/ ando por aí, sou estrangeiro/ percorrendo um roteiro/ pra surgir de novo inteiro...”

Acho linda a maneira como os poemas foram musicados. O modo como o cantor congrega as pessoas, convida-nos a participar com ele, entrando no eu dos outros... Acho lindo esse cosmo ficcional, esse jogo de alteridade que me inclui e me puxa o tempo inteiro.

Nos telões que apresentam as ficções à maneira de Bertold Brecht, mostra-se um nome e um tempo: “Joaquim, anos 60”. E na paisagem que aparece focando-se e desfocando-se em meio à bruma, surge um casal.

Caminhamos tranquilamente pela praça. Ela não larga um saquinho do qual tira, a todo momento, uma bala que graciosamente mastiga. “Muito bom o filme, né? Gostou?”

“Ah, eu gosto, né? Divertido. Eu já vi treze vezes.”

Espantado, fico sem palavras. Ela repete: “Eu já vi treze vezes. Tô falando que eu vi o filme treze vezes...” E quando ela começa a repetir novamente o que disse eu me adianto e lhe respondo cortando sua frase em mais uma repetição: “Eu entendi. Minha nossa!...”, ao que ela complementa: “mas toda vez que eu vejo eu vejo uma coisa diferente”.

Toda vez que eu vejo, eu vejo uma coisa diferente.

“Impressionante! Eu acho que eu seria incapaz de ver mais de uma vez um filme. Você deve saber de cor a ação de tudo o que acontece, né?”

“Coração? Cê falou coração, o que cê falou agora? Falou?” – pergunto ao homem, ao que ele nega, dizendo que não falou coração. Eu digo que acabei de ouvir, agora mesmo ele falar a palavra coração. Ele nega outra vez, ao que eu lhe digo: “É que cê tem uma voz diferente, né? Tá rouco?” Ele responde só que seria incapaz de ver um filme mais de uma vez.

“Ah, porque você não é daqui.” – me diz a moça, ao que eu lhe respondo perguntando se pareço muito diferente: “parece que eu não sou daqui?”

“Não, é porque aqui sempre passa o mesmo filme. Aí quando passa, fica um tempão, vai e volta, cidade pequena, né?...”

“Mas treze pra mim não ia dar. Ia ser muito.” – respondo a ela, que me oferece bala. “Cê gosta de uma bala, né?” – eu lhe digo.

“Reparou?”

“O que?”

“Não, é... É que durante o filme eu te vi várias vezes olhando pra trás e eu tive a impressão que cê tava olhando pra mim, tava?” – pergunto a ele – “a bala é pra minha filha. Quando chove eu sempre lembro...”

“Você tem filha? É casada?”

“Não, não sou casada, não.”

“Ah...” – suspiro um tanto aliviado. Em seguida ela me diz: “Tô falando que quando chove eu sempre lembro dele”. E mais uma vez meu silêncio

evidencia a falta de palavras. “Do filme.” – ela completa, ao que eu concordo: “Ah... A cena dele cantando na chuva. Bonita, né?”

“É. Guarda-chuva é uma coisa que não tem dono. Não é?” – ele me diz essa frase e eu acho graça. “Sabe o que me lembrou?” – digo a ele – “Esses dizeres de para-choque de caminhão que cê vê pela estrada...” Ele não compreende bem o que digo.

Ela me pergunta se eu estou só de passagem pela cidade. Eu lhe respondo que vou precisar dormir só uma noite aqui. Digo que nem fiz a barba e ela pousa a mão sobre meu rosto. E mil sensações indescritíveis passam pela minha cabeça ao mesmo tempo. Como será que ela está sentindo este momento?

Curiosa a respeito dele, eu pergunto o que faz da vida. “Quer saber mesmo?” – ele me responde. Fico tímida e me desculpo. Então ele me devolve a pergunta: “o que você acha que é”?

“Cê quer que eu adivinhe?”

“Eu tenho cara de quê? Não, vai, o que que cê acha que é? Me dá um palpite.”

“Ah, eu acho bonito gente que anda de trator na estrada, por exemplo.”

“Quase.”

“Quase?”

“E eu ando na estrada também, mas não é de trator. Sou representante comercial. Joaquim. Eu vendo máquinas, equipamentos agrícolas. Inclusive eu tô aqui na cidade por isso. Mas só vou encontrar o comprador amanhã cedo. Então vou precisar pousar aí. Entendeu?”

“Hum. Viaja muito...”

“Demais da conta. Sem parar.” – digo, apalpando um pequeno furo próximo à gola de minha camisa. “Quer que eu costure?” – ela me pergunta.

Olho para o botão solto de sua camisa e pergunto se ele quer que eu costure, ao que ele me retribui com uma nova pergunta: “Você tá aqui porque você não tem o que fazer, tá matando tempo ou você tá gostando da minha companhia? ... Pode dizer que é por causa da minha companhia, eu vou adorar.”

“Ah!... Cinema é uma coisa boa, né, filme é uma coisa, né, que a gente aprende muitas coisas em filme. Outro dia vi um filme em espanhol e aprendi umas palavras. “Por supuesto”. “mira!” Grita, né? “Mira!”... Gracias. Gracias...” – fico repetindo nervosamente as palavras que ouço. Um frio quente me percorre a espinha.

“E nós dois? Como é que a gente fica, eu e você?”

Um tanto sem-graça, eu lhe pergunto: “Cê deve ver muita fazenda no caminho que cê faz, não vê”?

“Fazendo carinho?”

“Que foi?”

“Cê falou que eu tô fazendo carinho? Que que cê falou, que eu tô fazendo carinho?”

“Não.”

“Foi isso, agora?”

“Não, não falei. Isso que cê ouviu, isso...”

“Não falou? Aquela hora que cê ouviu eu falar o quê, que cê ouviu?”

“Eu ouvi coração. Mas eu ouvi. Mas eu ouvi cê falando.”

“A gente não tá se entendendo.”

“Parece que a gente tá numa estrada de mão dupla, né? Aí quando viu, já... passou um pelo outro.”

“A gente não tá numa estrada, eles estão num cinema.”

Eles estão num cinema? *Eles* estão? “Nós” repentinamente se converteu em “eles”?

“E o que aconteceu depois, então?”

“Ela perguntou pra ele se eles iam ficar ali sem fazer nada. Saíram do cinema, seguiram para a casa dela, defronte a praça da cidade. No curto caminho ela apresentou para ele alguns estabelecimentos comerciais, casas que conhecia muito bem, inclusive a venda onde trabalhava. Caminhavam devagar, as ruas vazias, a calçada molhada...”

“Qual era o nome do cinema?”

“Cine Carrossel. É... E sobre o que deliberaram no curto itinerário até a casa dela?”

“Amenidades sem importância entrecortadas por silêncios confortáveis.”

“Descreva de forma sucinta as ações dela ao chegar em casa com ele.”

“Girou a chave da porta com excessiva cautela, pediu delicadamente que ele fizesse silêncio, buscou na cozinha algum copo de água já que ele estava com sede, foi ao banheiro e no caminho fechou a porta do quarto da filha dela para não acordá-la, convidou-o para ir ao quarto dela e jogou um lenço em cima do abajur. O que ele esperava? Apenas uma distração sexual?”

“Não, embora na ocasião não o soubesse. Sentia uma necessidade ainda incipiente de ter uma casa. Desejava ter um lugar para onde pudesse sempre retornar. Cansava-se já da vida de viajante, sem repouso, sem ninguém a esperá-lo.”

“Até que horas ele ficou na casa dela?”

“Até às quatro e quarenta e sete de uma nublada manhã de julho. Quando ele partiu ela estava acordada, dormindo ou acordada mas fingindo dormir?”

“Ela despertou com o ronco do carro dele, que partia.”

“E ele retornou àquela cidade posteriormente?”

“Sim, em duas ocasiões. Quais?”

“A primeira três anos depois e a segunda oito anos depois.”

“E eles voltaram a se encontrar?”

“Não. Por quê?”

“Na primeira vez ele não a procurou e na segunda ela já estava morta há cerca de quatro anos e meio.”

“Causa mortis?”

“Ingestão de veneno. Como ele veio a tomar ciência do falecimento dela?”

“Chegando à cidade ele retornou a casa onde ainda acreditava que ela morasse. Lá se encontrando, foi informado do falecimento por uma jovem que, logo veio a saber, tratava-se da filha dela.”

“E o que sentiu, então?”

“Ficou se perguntando o que o levou a procurar aquela mulher, pergunta esta que ainda não havia se feito, sem conseguir responder.”

“Triste, né?”

“Mas nem tudo é dor, sofrimento, morte, caos... Pode ser felicidade também.”

Eles fazem um dueto, se dão as mãos e saem juntos. O mesmo rapaz de preto, que com sua presença costura todas as sequencias ostentando no pescoço uma placa na qual está escrito “Eu Mesmo” continua cantando a canção que o casal entoava.

Nos telões surgem agora a seguinte informação: “Maria, Pedro, Joana, José e Joaquim (anos 70)”.

Uma mulher de traços orientais chega à casa abandonada no meio de uma estrada onde estamos esperando a chuva passar. Todos estão de carona com Joaquim, representante comercial de equipamentos agrícolas. Fora ele, ninguém aqui sabe para onde vai. Joaquim narra como me conheceu, sem que eu tivesse aberto a boca. Entrei em seu carro sem nada dizer e ele me deu carona. A jovem Maria também vai não se sabe para onde. Sou José e prefiro não falar nada a meu respeito.

Parece muito a Maria que fugiu depois de brigar com o namorado. Que também parece a mesma moça que sonhou com a mãe. Aquela cujo padrasto amargurado não queria falar sobre a morte da esposa. Que parece o viúvo da moça com a qual não se casou na sequencia anterior. Joana parece ter fugido deixando tudo para trás, Pedro pode ser aquele escritor que se esqueceu como falar das coisas. Este pode ser o ponto de convergência entre várias ficções criadas por Arthur e Adolfo. Pronto! Matei a charada.

Não sei se são os mesmos personagens que vez por outra reaparecem ou se são figuras tão comuns que parecem ser sempre as mesmas. Quantos eu posso ser

ao mesmo tempo? Joana diz que seu carro quebrou e ela o deixou para trás. Entra e se acomoda com eles. Joana pode ser uma das milhares de Joanas que existem no mundo. Pedro, Maria, José, Joaquim, Arthur e Adolfo são pessoas comuns que poderiam ser qualquer um de nós.

“A gente fala tanto, né? Será que precisa falar tudo que a gente fala? Eu conheço gente que não abre o bico e diz tudo o que quer.” – diz Joaquim – “Teve uma vez, um pouquinho antes de te dar carona, Pedro, encontrei uma moça na estrada, jovem como você, assim bem apessoada, com uma malinha, com pressa assim, correndo pelo acostamento assim. Um lugar deserto. Achei aquilo estranho assim, encostei, abaixei o vidro: “Moça, tá tudo bem? Tá precisando de alguma coisa?” – ela não falou uma palavra. Mas sabe quando você percebe que a moça fala, né? Parecia falar. Mas ela não falou nada. Ela veio, segurou no meu braço e ficou me olhando um tempo. Só me olhando com uma expressão... o olhar dela...” “Mil Palavras” – disse Joana. “Um milhão de palavras” – completou Joaquim.

Eles terão que passar a noite ali, saindo somente pela manhã. Joaquim continua falando sem parar, ainda que critique nossa prolixidade cotidiana: “Outro dia um homem veio me pedir dinheiro na porta do banheiro, mas eu percebi que era só pra puxar assunto, né? Mas sabe que papo vai, papo vem, ele me perguntou se eu pudesse voltar no tempo, se eu faria tudo de novo”.

“E o que você respondeu?” – perguntei a ele, que me respondeu: “O que eu faria? É difícil, né? O que eu faria? Eu acho que eu aprenderia piano. Uma coisa que demora muito, né? Muitos anos”.

Eu aprenderia piano! Que cara de pau! Roubou minha estória.

“Eu seria um grande médico.”

“Ah... Eu aprenderia ballet. Aprenderia alemão. Acho bonito quem sabe alemão. Teria ido morar com a minha irmã na Alemanha, na época que ela morava lá.

Ah! Entendi o jogo. Aquele papo todo era para isso. Para nos colocar mais uma vez em cena sem que soubéssemos disso! Boa maneira de ser interativo sem ser agressivo.

Deviam perguntar o que eu penso a mim mesmo ao invés de usar minha vida para preencher diálogos!

E aqui me permito viver os desejos de outrem, fazendo minhas as palavras que alguém lá no começo no espetáculo me falou. Quando conversávamos com pessoas da plateia, colhia informações que venho disseminando como se fossem minhas ou das personagens que vivo. Dissolvo os limites entre eu e o outro, entre o real vivido e o real imaginado, entre o que é de fato e o que poderia ter sido. Este é o momento que mais gosto de fazer: usar as palavras dos outros como se fossem minhas. Eu, ator, comungo com as outras pessoas, de Whitman à linda menina loira que me encantou achando-se velha demais para começar a estudar piano. “Agora tem gente que diz que se eu te desse outra vida você faria tudo igual de novo. Não tem sentido isso, né? É tão pouco tempo dentro de uma vida, se eu te dou outra você vai fazer tudo igual? Faz outra coisa, ah!”

Sempre fico pensando que alguém da plateia vai gritar reivindicando a autoria do que estou dizendo. Penso isso e já abandono a ideia, retomando a atual ficção e digo: “É, mas pensa: se você não tivesse feito as coisas que você fez, se tivesse feito outras coisas, né? Você não estaria aqui agora, por exemplo.” “Ah, é verdade. Isso é verdade.” – responde Joaquim. “Vocês gostam de estar aqui ou queriam estar em outro lugar?” – pergunto a todos.

“Eu tenho certeza que eu queria estar aqui agora.” – respondo.

“Eu também.” – respondo.

“Eu tô aqui.” – respondo.

“É que a gente pensa que podia ter feito diferente, né? Mas não podia.” – digo.

Nos telões são projetados alguns textos com dados estatísticos. Algo sobre crianças vítimas de violência doméstica. Por que isso, agora?

Então tá. Isso é sobre o menino que não fala nada?

Fico sozinha com Maria e confesso que inventei uma mentira. Confesso que não estava de carro, estava de carona. E a mentira saiu assim meio sem quê

nem por quê. Inventei assim como quem inventa outra vida para si e ao chegar em algum lugar onde é estrangeira ninguém poderá contestá-la e então passa a ter outro nome. E a mentira inventada, que existia somente em algum lugar da minha imaginação torna-se real assim como num passe de mágica, pela simples alteração do contexto. O mundo aceita aquilo que o sujeito afirma como real. A identidade de alguém assim é de fabricação própria. E nós duas então passamos a nos exercitar em pequenas mentiras. Rimos um pouco. Maria não sabe mentir. Saiu de sua cidade pacata e quer tentar a vida em algum outro lugar. Saí de minha também pacata cidade já faz um ano.

E a jovem atriz partilha mais um poema de Whitman em meio a suas histórias, me pedindo para ler o que está anotado em seu caderninho, o que me deixa um pouco sem-graça, não gosto de exposições públicas, mas em todo caso, acho menos desconfortável ler o tal poema e acabar logo com isso: “Amanhã virás. Andarás comigo a colher flores pelo campo. E eu andarei contigo pelos campos, ver-te colher flores. Eu já te vejo amanhã a colher flores comigo pelos campos. Pois quando vieres amanhã e andares comigo pelo campo a colher flores, isso será uma alegria e uma verdade para mim”.

Entro cantando entre sombras e luzes desfocadas sobre a melodia que já conduzia a ação anterior, uma canção em espanhol enquanto sigo projetado na tela, em letras: “Josué ou Canção do Amor Possível 3 (anos 40)”. Sou a *crooner* de um parque de diversões que canta a pedidos e ao terminar meu show, me deparo com meu grande amor: “Josué, Rua Bela Vista, 71”. Ele hoje é militar. Fala em coincidência e eu logo digo que isso não existe. Nós conversamos amenidades sobre nossas vidas, sobre a guerra que atravessamos, sobre eu não ter feito normal e tiro da bolsa aquela antiga rabiola que ele fez e me deu quando ainda éramos crianças. Ele me pede para que o espere um instante e eu fico ali esperando. “Ele pode ir pra lua que eu espero ele voltar.” E neste momento me sento na roda que nos envolve, ao lado de uma das pessoas que nos assistem e ele retorna com um algodão doce que me entrega. “Algodão doce é mágica.” Eu lhe convido a sentar-se ao meu lado e partilho com ele o doce que em seguida passo para outra pessoa, que passa para outra, que passa para outra, que passa para outra e assim por diante, formando um círculo, para que todos os presentes provem do açúcar deste encontro. “Eu estou muito feliz!”

“Você se lembra de uma coisa que eu falei pra você logo na primeira vez que a gente se encontrou? Que eu ia me casar com você.” – digo a Josué, que me pergunta se eu não tenho namorado. “Claro que não” – eu digo – “o convite ainda está de pé”.

“Chega um momento na vida que é importante, né?”

“Uns dois anos, mais ou menos, depois desse dia eu me casei com o Josué. Foi lindo. Foi um dos dias mais felizes da minha vida. Só tem uma coisa: quando... quando ele tinha trinta e sete anos ele morreu. Foi assim, ele... Ele ficou doente e morreu. Mas ele me deixou três filhos: dois meninos, uma menina, que eu criei com a maior dignidade. São as cordas do meu coração. Hoje, aos setenta e um anos, eu trabalho. Sou vendedora ambulante lá no Largo Machado. Tenho uma barraquinha lá. Sou muito orgulhosa da vida que tenho.”

Depois que os dois saem começo ouvir uma voz gravada que conta a mesma estória que a personagem acabou de narrar, só que com algumas incoerências. Tipo, os nomes são outros, as idades deles e vários dados não condizem com a estória até então apresentada. Parece o registro original, mais uma estória roubada por esses laráprios!

E agora, enquanto o casal dança é possível ouvir uma gravação com uma voz de mulher narrando uma versão da estória que acabou de ser encenada.

E então, uma voz de senhora idosa substitui a minha voz de atriz que já sai de cena e começa a contar a estória na qual nos baseamos. É a estória dela e de seu marido Israel, o Josué de nossa “Canção do Amor Possível”.

Agora, o quanto essa senhora performatiza sua própria vida em tom de melodrama novela das sete nós não poderemos aferir. Enquanto ela fala luzes dançam e se desfocam nos vídeos projetados sobre os telões.

Sento-me em uma cadeira e permaneço em silêncio na penumbra, de frente para uma jovem de cabelos claros também sentada de frente para mim. Ela, com a cabeça baixa; eu, sério, olho para frente. Somos um jovem casal que ainda não viveu trajetória alguma. Desconhecidos. Poderíamos viver um grande amor a qualquer momento. Poderíamos iniciar um diálogo verbal, mas enquanto ela fala

comigo e me lança olhares sedutores eu toco gaita. Ela come um pedaço de chocolate e me oferece a outra parte. Não aceito. Pedro, o escritor sem rumo e Joaquim retornam de onde estavam e pouco depois Joana se junta novamente a nós. Pedro vai ficar na próxima cidade e Joaquim manifesta descontentamento, pois se sente só.

Eu penso em constituir família, fincar meus pés em um único lugar. Já me apaixonei por uma moça que conheci outrora, me apaixonei de verdade. Mas não quero me casar para depois largar a mulher em casa sozinha cuidando dos filhos. Talvez isso tenha já acontecido com alguém em algum lugar. Amo a estrada. Porque ali vejo coisas que nem a ficção mais fantástica abarca. Porque ali deslizo sempre de um lugar para o outro, a paisagem nunca é a mesma. Nunca vejo a mesma coisa emoldurada por minha janela: moro na estrada, como meu tio que morreu aos setenta e cinco anos, dirigindo. Vejo aqueles que passam, observo o quanto é rica e interessante a vida simples. A sensação de que aquele que estou vendo não percebe que está sendo observado me encanta profundamente. Estar a cada dia em uma cidade nova me proporciona o prazer de olhar sempre com olhos virgens para as coisas. O cotidiano massacra as retinas que já não registram mais o simples visto todos os dias. Estar sempre em trânsito me permite ver com maior objetividade.

“Joana 3 (anos 80)”.

Eu me sento e aguardo a mulher que foi buscar um baú que pertenceu a minha mãe. Dentro dele, mil recordações: retratos, cartas, desenhos, livros, bilhetes e um diário. “Ela foi embora, eu não tinha nem dois anos de idade.” Naquele baú está o resumo de minha mãe. Os vestígios de suas memórias. O que restou da vida que um dia esteve manuseando aqueles objetos e os produzindo. “As coisas vão se desfazendo com o tempo”. Leio um pouco do que ela escreveu: foi militante contra a ditadura.

Informações sobre desaparecidos políticos são projetadas nas paredes. Fraco, muito fraco isso. Querem dirigir minha leitura do espetáculo.

Encontro uma carta que ela escreveu para mim pouco depois que eu nasci. Minha mãe quis cuidar de mim. Um roteiro de cinema, “coisas que ela fez e

coisas que ela queria fazer também”. Aquela caixa contém todos os fantasmas. Tudo o que foi projetado, o que foi realizado e o que não chegou a ser. Todos os projetos abortados, os restos que ficam pelo caminho. A mulher que guardou a caixa me diz que um dia foi embora de onde morava. Pegou a mala e foi embora da cidade para a qual retornou faz somente alguns dias, ao receber uma carta com a notícia da morte de sua mãe. Como eu precisava da minha mãe!

“Por que será, né? Essa historia toda pode não ter sentido nenhum. Uma pessoa um dia se hospeda numa casa e deixa nela uma caixa com coisas tão íntimas. Aí um dia alguém que nem morava mais nessa casa encontra essa caixa e a entrega pra filha dela. Pra quê? Pra quê tudo isso? Pode ser realmente que não tenha motivo nenhum, seja só acaso. Mas também pode ser que ela tenha deixado pra eu estar te entregando agora. E eu aproveitar e dizer pra você o que eu diria pra minha mãe se ela estivesse viva. Que ela soubesse que não foi abandono. Não foi. Que eu amei muito ela. Amo.”

Olho nos olhos daquela mulher pensando que nada é por acaso.

Enquanto conversam, a poesia de Emily Dickinson se espalha pelas paredes, reduplicando mais uma vez os temas apresentados.

Então agora eles projetam poemas que subscrevem a ação. É repetição atrás de repetição.

Trazer, sob a luz, uma carta
Pelo tempo esmaecida
Perscrutar a letra pálida
Que nos aqueceu feito vinho

Entre os guardado talvez se encontre
A corola fanada de uma flor,
Colhida por mão nobre e fértil
Certa manhã, muito longe

Os caracóis de fronte,
Por nossa constância olvidadas;
Talvez um antiquado adorno
Em perdidas vestes usado.

Depois, tornar a guardar essas coisas
E voltar aos afazeres,
Como se a pequena caixa de ébano
Não nos dissesse respeito.

Mais uma vez eu me vejo na sala da minha casa. Estou me arrumando para uma festa enquanto Caio manuseia fotografias que “andou tirando”. Uma delas é minha. “Tirei sem você ver.” Me flagrou exatamente como eu gosto de flagrar as pessoas. Procuo me entender com ele e não saio sem uma promessa de tentativa. Vamos iniciar outra jornada...

Sinto que isto está chegando ao fim. Meus dedos estão melados daquela maçã do amor que a moça de olhos puxados me deu quando ficou noiva do oficial, o Josué com quem ela sempre disse ia se casar.

Fim da “jornada do herói”. Arthur, depois de mergulhar nas profundezas de si mesmo, emerge outro. E sempre o mesmo.

A mulher de traços orientais que sempre povoou meus sonhos surge linda em traje de gala me convidando para dançar.

E os corpos dos dois bailando pelo espaço se multiplicam em projeções por todas as telas que reproduzem seus movimentos.

Fragmentos em dispersão. Explodo em focos diversos esse eu de mim que se pôs a nu ou que pelo menos o tentou. Dançamos a dança final multiplicados em imagens muitas: materiais e virtuais.

Alô? Oi, amor. Tô aqui no teatro, ainda. A peça acabou de acabar. Como? Ah, era sobre um físico cheio de conflitos que depois de uma longa trajetória finalmente consegue achar um caminho pra resolver sua relação com o filho. Onde você tá?

Enquanto eles dançam eu fico pensando nas personagens que apareceram uma vez para nunca mais. Essa foi a estória de várias pessoas comuns que se encontram, contada sob vários pontos de vista. Cheia de fios soltos. Só a estória de Arthur se fecha. E ainda assim, sempre em aberto. Porque ela se fecha no sonho. No sonho dele. Na mulher ideal que só vive nos sonhos dele. Eu de Mim chega a ser uma ironia.

Será que eu falo com a Julia?

Exausta. Quero tomar chopp no Baixo Gávea!

Adriano, meu filho nasceu. Avisa ao Jefferson e ao elenco que eu tô indo para a maternidade.